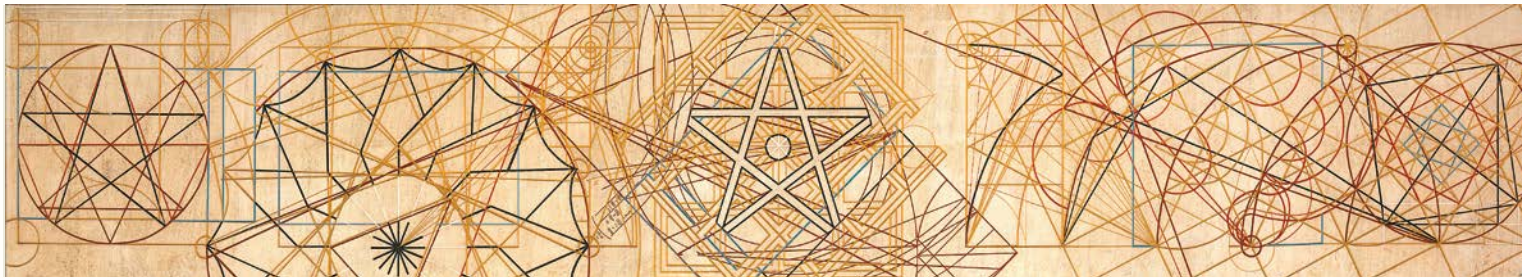


O outro discípulo de Caeiro



Estudo para o painel *Começar* (1968)

MANUELA PARREIRA DA SILVA

Referindo-se à figura magistral de Alberto Caeiro, escreve Fernando Pessoa: «Este Alberto Caeiro teve dois discípulos e um continuador filosófico»¹. Pensava, obviamente, a partir do círculo fechado-aberto dos seus «outros»: Campos e Reis, os discípulos; António Mora, o continuador filosófico. Não lhe cabia, nem ousaria, convocar para a sua ficção uma personagem (ou personalidade) alheia. E, no entanto, hoje, à distância de um século, apetece

acrescentar que o Mestre Caeiro não desdenharia ver associada ao seu magistério a personalidade-personagem de José de Almada Negreiros (não disse este que «Na sua obra o autor é o actor de si mesmo»²?).

Um discípulo não é, porém, o que repete ou copia o mestre; é, antes, o que permite ao mestre agir em si, como uma acendalha ou um «abridor» de caminhos.

Enquanto os discípulos pessoais de Caeiro se esgotam no plano da literatura ou da linguagem (e nem poderia ser de outro modo), Almada, sendo, entre os compa-

nheiros de Orpheu, aquele que melhor interpreta e corporiza, e aprende portanto, algumas das lições seminais do Mestre, extravasa desse plano e faz delas o designio de toda a sua vida.

A primeira dessas lições está, de algum modo, sintetizada no verso do poema XXIV de *O Guardador de Rebanhos*: «O essencial é saber ver»³.

Almada, lembre-se, projectou um livro (que não chegou a completar) com o título *Ver*, escrevendo num fragmento (1943): «Perguntaram ao autor porque intitulava *Ver* o livro se, na realidade,

dava igualdade de nobreza à vista e ao ouvido». A justificação que encontrou foi o facto de o autor ser pintor: «porque o pintor é o único caso do primado da luz em que o homem há-de ter olhos (...) Não há pintores cegos». E, mais adiante, considera que a primazia da vista sobre os outros sentidos «é o natural do homem». «Em nossos dias [prossegue Almada] arrebatada que foi a humanidade do seu perpétuo primado da luz, recorre ao modo científico vigente para reaver os olhos do conhecimento e descobre na óptica a máquina fotográfica e a câmara cinematográfica»⁴.

Acrescenta ainda que «é sempre o sinal dos sentidos com a primazia do visual que comanda toda a aprendizagem»⁵.

Almada Negreiros não poderia deixar de ser sensível ao verso de Alberto Caeiro: «Errar é essencialmente estar cego e surdo»⁶. Poder ver é poder aceder à única verdade alcançável, que é a do mundo sensível. Mas «saber ver», ter a «ciência de ver», que consiste em «ver podendo dispensar tudo menos o que se vê»⁷, exige, segundo Caeiro, «um estudo profundo / Uma aprendizagem de desaprender»⁸. E esta asserção surge exemplarmente repetida no poema XLVI: «Procuo despir-me do que aprendi, / Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram»⁹; e num dos Poemas Inconjuntos: «E esqueço tudo quanto me ensinaram / (...) / O que me aprenderam a ver nunca tocou nos meus olhos»¹⁰. Almada, por sua vez, parece responder-lhe, decerto sem se dar conta, no poema «Encontro»: «Que queres que te diga / se não sei nada e desaprendo? / A minha paz é ignorar. / Aprendo a não saber»¹¹.

Assim, paradoxalmente, da primeira lição – «saber ver», isto é, aprender a ver – decorre uma segunda lição – aprender a desaprender, a desfazer a imagem do mundo construído pelos olhos de outrem (ou das máquinas mediati-

Apresentação da obra de Agustina Bessa-Luís *Ensaaios e Artigos (1951-2007)*

Por Lourença Baldaque e José António Saraiva

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Lisboa, 6 fevereiro | 18h | Auditório 3, FCG

Porto, 10 fevereiro | 18h30 | Biblioteca de Serralves

Entrada livre



© DR

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Avenida de Berna, 45 A
1067-001 Lisboa

GULBENKIAN.PT

cas), para construir a sua própria.

Escreve Almada, em *A Invenção do Dia Claro* (sugestivo título, este), que tudo mudara, «desde aquele dia inolvidável em que reparei que tinha olhos na minha própria cara. Foi precisamente nesse dia inolvidável que eu soube que tudo o que há no universo podia ser visto com os dois olhos que estão na nossa própria cara. Não foi, portanto, sem orgulho que constatei que era precisamente por causa de cada um de nós que havia universo. (...) Foi-me fácil compreender que o universo era precisamente o resultado de haver quem tivesse olhos na própria cara»¹².

Ao universo – escreve também Almada no poema «Do Éther o Destino me lançou em pára-queda» –, disse: «Não saberei ver-te senão como te vejo»¹³.

A descoberta do universo ou, como diria Caeiro, da «espantosa realidade das coisas», passa, então pelo olhar, pela assunção do próprio corpo, pela capacidade de sentir, com os sentidos do corpo, sem o filtro dos preconceitos. Porque «é depois de sentirmos que sabemos»¹⁴; porque «é o que se sente que importa – não o que sabemos, a menos que o que se sabe determine, profundamente, o que se sente»¹⁵, ensina-nos também Vergílio Ferreira (outro discípulo do «existencialismo avant la lettre» de Caeiro?). Dito lapidariamente por Almada: «Conhecer é antes e saber depois»¹⁶.

Essa descoberta passa também por recuperar a inocência do olhar, pelo «reaver da ingenuidade», no dizer de Almada Negreiros. E lembro aqui a conferência, realizada em 1936, significativamente intitulada *Elogio da Ingenuidade ou As Desventuras da Esperteza Saloia*, que o autor pretende ser dirigida sobretudo aos poetas. Aí, sublinha o sentido etimológico da palavra ingénuo, «nascido livre», designando, no direito romano, «a condição do que não tinha sido nunca escravo». O ingénuo é, agora, salienta Almada, aquele que mantém a sua naturalidade, a sua simplicidade, aquele que está livre de preconceitos. Mas o que diz querer elogiar não é o ingénuo, senão a ingenuidade: «Porque nós, o que sabemos, não é o que os outros nos ensinaram, mas apenas o que nós mesmos aprendemos por nós, à custa da nossa ingenuidade»¹⁷; «Porque na ingenuidade tudo é de ordem emocional. Tudo. O que não acontece com as outras espécies do conhecimento onde tudo é de ordem intelectual»¹⁸.

Parece ser esta uma resposta afirmativa ao ensinamento poético de Alberto Caeiro, que acentua justamente que escreve, «como se escrever fosse uma cousa que [lhe] acontecesse, / Como dar-[lhe] o sol de fora», «querendo sentir a Natureza, nem sequer como homem, / Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.»¹⁹, procurando, enfim, dizer o que sente, sem pensar o que sente.



Fotografia de Almada por Vitoriano Braga, c. 1920; em cima, à dir., Sem Título, grafite e guache sobre cartão; Banhistas, pintura para o café A Brasileira do Chiado, Lisboa, 1925, óleo sobre tela

Para Almada, «a posição do poeta é ainda a de reaver-se, reaver a sua ignorância, reaver a sua ingenuidade, reaver todas as condições em que foi gerado»²⁰. Significa isso saber ou (re)conquistar o pasmo «Que tem a criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras...», sentindo-se «nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo»²¹; ser capaz de nascer ou renascer todos os dias; acordar para a luz, cada dia como se fosse sempre a primeira vez. «Põe-te a nascer outra vez!», exclama Almada em *A Cena do Ódio*.

A ideia de nascer como sinónimo de regresso do ser humano à sua pureza original, preside, não esqueçamos, ao emblemático romance de Almada Negreiros, *Nome de Guerra*. Aí, o protagonista é levado a nascer por três vezes, correspondendo as duas últimas a uma tomada de consciência, a um abrir de olhos, como quem abre as portas da Realidade. «Saber ver» é também a lição que importa reter – aprender a encarar a claridade, o «dia claro». A Luís Antunes, acontece-lhe, paulatinamente, dolorosamente (como em todas as iniciações), «regressar por assim dizer à sua virgindade, a reaver a sua inocência»²², desfazendo, desaprendendo a vida que os outros lhe foram construindo, tornando-se, em última instância, mestre, senhor de si mesmo.

Este poder regenerativo do homem, de que fala Almada, remete-nos ainda para a pedagogia caeiriana, e para o (blasfemo) poema VIII de *O Guardador de*



Rebanhos, onde se lê: «A Criança Eterna acompanha-me sempre. / A direcção do meu olhar é o seu dedo apontando», numa referência a esse deus menino, «o deus que [nos] faltava», metáfora viva de uma comunhão permanente com a fonte, de uma familiaridade com a origem.

Neste sentido, há uma «maneira de ser original» que é comum a Caeiro e a Almada. Original, porque comunga da matriz, do lugar adâmico da criação. É Adão, o nomoteta, que, ao pôr o nome às coisas, à medida que as vê desfilar diante dos seus puros olhos, as faz existir, as individualiza, as objectiva: uma pedra é uma pedra, uma flor é uma flor (como poderia dizer Caeiro). Original, porque comunga do começo ou, melhor, do «antes de começar». *Antes de Começar* é, não por acaso, o título de uma peça de teatro de Almada (de 1919) – diálogo naïf entre um boneco e uma boneca,

modelos das duas pessoas em que se transformam. Cada um deles poderia dizer, como no poema «De 1 a 65»: «nasci antes de mim / antes de forma de gente»²³. Original, porque toca o mundo primordial, o «mundo da aparição» (para usar, de novo, outra expressão de Vergílio Ferreira), o mundo que aparece – antes de ser pensado, expresso por palavras, legitimado – ao olhar «ingénuo» do poeta, à «lúcida ingenuidade»²⁴ do artista.

«O dom do “ingénuo” é encontrar», escreve em *Mito-Alegoria-Símbolo*, opúsculo de 1948. É a esse dom que Almada, de algum modo, deve a descoberta do Cãnone, da relação 9/10, do número imanente ao mundo, do número anterior ao Verbo. De facto, a Mestre Almada, os números e as formas geométricas revelam-se como (tomando eu de empréstimo as palavras sábias de Maria Zambrano) «os antepassados imediatos das “ideias”; filhos directos do olhar que contempla e

não da palavra que interroga»²⁵.

É ao ver, ao contemplar, de olhar descomprometido, o *Ecce Homo*, pintura de autor anónimo do século XV, e, mais tarde, ao reparar nas linhas dos ladrilhos pintados nas seis tábuas em políptico dos *Painéis* de Nuno Gonçalves, que Almada logra conhecer, em *Geometria – antes de saber*, pela aturada pesquisa a que se entrega a partir desse acto inaugural de encontrar sem ter buscado, paralelo do «saber ver» de Alberto Caeiro – que o Cãnone é (de) sempre. Que, como salienta Almada, numa entrevista concedida a António Valdemar, «o novo está perpetuamente no antigo»²⁶.

O eternamente novo surge, assim, intuitivamente, ao «Menino d’olhos de gigante», aquele que diz: «Eu sou do tamanho certo / que cabe por toda a parte, / eu ando atrás dos meus olhos / ‘tê onde forem parar»²⁷, aquele que sabe «que Deus não s’engana / ao pôr olhos em cada um»²⁸; como pudera surgir a Mestre Caeiro, cujo «olhar é nítido como um giras-sol»²⁹. JL.

(Notas)

- 1 Fernando Pessoa, *Teoria da Heteronímia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim, 2012, p. 216; 2 José de Almada Negreiros, *Ver, notas e prefácio de Lima de Freitas*, Lisboa: Arcádia, 1982, p. 46; 3 Alberto Caeiro, *Poesia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 58; 4 *Op. cit.* p. 76; 5 *Ibidem*, p. 77; 6 *Poesia*, ed. cit., p. 127; 7 *Ibidem*, p. 169; 8 *Ibidem*, p. 58; 9 *Ibidem*, p. 82; 10 *Ibidem*, p. 166; 11 José de Almada Negreiros, *Poemas*, edição de Fernando C. Martins, Luís M. Gaspar e Mariana Pinto dos Santos, Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 165; 12 Almada, *A Invenção do Dia Claro*, edição fac-similada, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 38 [1ª ed., Olisipo, 1921]; 13 *Poemas*, ed. cit., p. 176; 14 Vergílio Ferreira, *Do Mundo Original*, Lisboa: Bertrand, 1979, p. 217; 15 *Ibidem*, p. 223; 16 *Mito-Alegoria-Símbolo – Monólogo autodidacta na oficina de pintura*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1948, p. 16; 17 José de Almada Negreiros, *Manifestos e Conferências*, edição de Fernando C. Martins, Luís M. Gaspar, Mariana Pinto dos Santos e Sara Afonso Ferreira, Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 253; 18 *Ibidem*, p. 254; 19 *Poesia*, ed. cit., pp. 82-83; 20 *Manifestos e Conferências*, ed. cit., p. 251; 21 *Poema II de O Guardador de Rebanhos*, in *Poesia*, ed. cit., p. 24; 22 José de Almada Negreiros, *Nome de Guerra*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 122; 23 *Poemas*, ed. cit., p. 190; 24 *Expressão usada no poema «Presença»*, in *Poemas*, ed. cit., p. 188; 25 Maria Zambrano, *O Homem e o Divino*, trad. de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa: Relógio D’Água, 1995, p. 87; 26 *Almada / Os Painéis / A Geometria / E Tudo – As entrevistas com António Valdemar*, pref. José Manuel dos Santos, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015, p. 65; 27 *Poemas*, ed. cit., p. 104; 28 *Ibidem*, p. 103; 29 *Poema II de O Guardador de Rebanhos*, in *Poesia*, ed. cit., p. 24.